

Repetição: uma estratégia de construção textual vivaz na oralidade

Rosalia Perrucci Fiorin¹ (UPM)

Resumo:

O presente artigo tem como proposta abordar uma das estratégias de formulação textual mais vivaz na oralidade, a Repetição. Com base nos estudos realizados por Marcuschi (1996, 2006), demonstraremos como a repetição atua nos variados aspectos da formulação textual-discursiva, valendo-nos do inquérito 283 do Projeto Nurc do Rio Grande do Sul. Diante das análises realizadas, aguça a nossa curiosidade observar que as reiteraões lexicais, sintagmáticas e oracionais são estratégias cruciais para o processamento informacional e para a preservação da funcionalidade comunicativa.

Palavras-chave: oralidade, repetição, projeto NURC.

Abstract:

This article proposes to explain one of the strategies of textual formulation most present in the conversation, the repetition. Based on the studies conducted by Marcuschi (1996, 2006), we intend to demonstrate how the repetition acts in various aspects of the textual construction, utilizing the inquiry number 283 of NURC Project of Rio Grande do Sul. By the analysis made, it becomes interesting to note how the words and clauses repeated are crucial to the information process as well as to the preservation of communicative functionality.

Keywords: conversation analysis, repetition, NURC Project

Introdução

Devido a sua maleabilidade funcional, a repetição exerce diversificadas funções: contribui para a organização discursiva e a monitoração da coerência textual; favorece a coesão e a geração de seqüências mais compreensíveis; dá continuidade à organização tópica e auxilia nas atividades interativas (MARCUSCHI, 2006, p. 219).

Nesta direção, este artigo tem como proposta abordar uma das estratégias de formulação textual mais presente na oralidade, a repetição.

Para tanto, inicialmente, será realizada uma abordagem teórica sobre o texto falado e o escrito, visando enfatizar, com maior afinco, as características que englobam o texto falado. Em seguida, apresentaremos o *corpus* que servirá de base para a análise da repetição. Finalmente, com base nos estudos realizados por Marcuschi (1996, 2006), enfocaremos a repetição por meio de um embasamento teórico e mostraremos como ela atua nos variados aspectos da formulação textual-discursiva.

Assim sendo, procuramos evidenciar que a repetição, sendo um fenômeno resultante da interação face a face, constitui uma estratégia de grande valia para o processo textual-interativo, seja na sua contribuição para o processamento informacional, seja na preservação da funcionalidade comunicativa.

1. A Natureza do Texto Falado

A oralidade e a escrituralidade são modalidades de uso da língua com características próprias. Entretanto, não devem ser vistas de forma dicotômica e estanque, por serem “atividades interativas e complementares no contexto das práticas sociais e culturais” (MARCUSCHI, 2001, p. 16).

Os autores Koch e Oesterreicher (1985, 1990, 1994 apud HILGERT, 2000, p.19), buscando conceituar o texto falado e o texto escrito, preconizam uma *distinção medial* e uma *distinção conceptual* para estes dois termos. A primeira

distinção apresenta o texto falado como uma manifestação fônica e o texto escrito como uma manifestação gráfica; já a segunda distinção revela maneiras diversas de *concepção* textual, isto é, os textos se diferem por serem mais ou menos falados ou mais ou menos escritos. Como bem enfatiza Hilgert (2007, p.73), do ponto de vista *conceptual*, os textos distribuem-se em um *continuum* tipológico que vai de um pólo constituído de um gênero marcado pela máxima oralidade – oralidade prototípica, como conversa de bar, chat na internet, conversa telefônica – ao outro pólo marcado pela máxima escrituralidade – escrituralidade prototípica, como textos legais, conferências acadêmicas, trabalhos científicos.

Diante dessas considerações, vale ressaltar que somente como forma de manifestação (fônica ou gráfica) textual, a fala e a escrita determinam uma relação estritamente dicotômica.

Ao nos atentarmos ao texto falado, constataremos uma reunião de características próprias. O texto para ser considerado falado necessita atender as seguintes exigências:

- ser relativamente não-planejável de antemão, o que decorre de sua natureza altamente interacional;
- consistir-se em uma interação face a face;
- mostrar uma descontinuidade freqüente, determinada por fatores de ordem cognitivo-interacional;
- apresentar-se *in statu nascendi*, isto é, em sua própria gênese. O texto falado surge no momento da interação, sendo ele o seu próprio rascunho, pelo fato de o planejamento e de a verbalização ocorrerem simultaneamente. Antos (1982, p.1 apud HILGERT, 2007, p.71) considera as interrupções, reinícios, correções, paráfrases e repetições cometidas no processo da produção do texto falado algo específico do *statu nascendi*.

Frente às exigências retratadas, as frases inacabadas, as construções incoerentes ou tortuosas, as repetições, as reformulações, as retificações, os



marcadores de hesitação (“hein”, “hmm”, “éh”) são fenômenos apresentados maciçamente nos textos falados. Como elucida Kerbrat-Orecchioni, durante a interação face a face, esses fenômenos são funcionais do ponto de vista interativo, pois,

em vez de demonstrar o caráter defeituoso dos sujeitos falantes, tais fenômenos constituem manifestações de sua capacidade de construir enunciados **inteiramente eficazes**. Sob a aparente “desordem” do oral espontâneo, escondem-se, de fato, regularidades que são de natureza diversa das que se observam na escrita, porque as condições de produção/recepção do discurso são elas mesmas de outra natureza (2006, p. 38).

Para tanto, a análise da conversação foca a sua atenção às regras que sustentam o funcionamento das trocas comunicativas, procurando decifrar a “partitura invisível” que orienta o comportamento dos interlocutores engajados nessa “atividade polifônica complexa que é a condução de uma conversação” (Kerbrat-Orecchioni, 2006, p.15).

2. O *Corpus*

Para a realização deste trabalho, que visa examinar um dos procedimentos característicos da língua falada, a repetição, utilizaremos o inquérito 283 do Projeto Nurc do Rio Grande do Sul².

O Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta (NURC) tem como objetivo documentar e descrever o uso urbano do português falado no Brasil, em seus aspectos fonético-fonológicos, morfológicos, sintáticos e vocabulares. O Projeto se desenvolveu em cinco capitais brasileiras (Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre) e visou ao estudo da fala culta, média, habitual. O *corpus* levantado no país, a partir de critérios rigorosos na seleção dos informantes e no controle de variáveis, perfaz cerca de 1500 horas de registros magnetofônicos. Esse material representa o desempenho lingüístico de falantes de ambos os sexos, nascidos nessas capitais, com escolaridades universitárias, distribuídos por três faixas etárias: 25 a 35 anos; 36 a 55 anos; mais de 56 anos de idades.

O inquérito que será analisado faz parte de uma pesquisa lingüística, sendo gravado com a presença de documentadores e tendo como informantes duas mulheres, uma de 27 anos, coordenadora pedagogia, e a outra de 26 anos, professora. Os temas abordados pelos documentadores são: comércio exterior, política nacional, sindicatos, cooperativas, profissões e ofícios, dinheiro, banco, finanças, bolsa, instituições, ensino e igreja.



3. A Repetição

Com base nos estudos realizados por Marcuschi (1996, 2006) acerca da *Repetição*, pode-se afirmar que, no âmbito da fala, as repetições apresentam características de um planejamento lingüístico *on line*, face a face, com traços de um texto espontâneo, não preparado anteriormente. Sua presença na superfície do texto falado é alta, uma vez que na fala a repetição faz parte do processo formulativo. Como contraponto, na escrita, com a possibilidade de revisão e editoração, além de apagamentos sucessivos, o que é posto à mostra é apenas a versão final, diminuindo significativamente a presença de repetições.

Entretanto, cabe-nos enfatizar que esse instrumento da oralidade não condiz apenas ao simples fato de o falante reproduzir o mesmo termo mencionado anteriormente. Marcadores discursivos, como *repetindo*, *como já disse*, *em suma* etc., podem ser indícios de uma repetição, mas não evidências de que serão ditas as mesmas coisas. A repetição de elementos lingüísticos idênticos não condiz com a repetição do mesmo conteúdo, para tanto, ela não é um simples ato metalingüístico, uma vez que expressa algo novo. Vejamos:

L1 ainda ainda me revolto MAIS ainda com esse *consumo* porque eu sei que a *sociedade de consumo* que a gente esta NEssa...pode ser levado por isso então...me controlo e não sei a minha revolta é tanta contra a *sociedade de consumo* que eu não consigo *consumir* (p.109)

A informante L1, primeiramente, expressa a sua revolta pelo *consumo*. Depois, repete novamente esse item lexical não se referindo mais ao consumismo, mas à *sociedade de consumo*, inserindo em seu discurso elementos novos condizentes ao fato de sermos levados por ela. Mais uma vez, a locutora repete o item lexical *sociedade de consumo* para denunciar adiante que, devido a sua repulsa por ela, não consegue *consumir*. Notemos, dessa forma, que os referentes discursivamente construídos para *consumo* não são os mesmos, portanto, a retomada não alude uma identidade referencial. A retomada é do ponto de vista textual e envolve sentidos que estabelecem a continuidade tópica.

As repetições manifestam-se de maneiras diversas e são multifuncionais. De acordo com Marcuschi (1996, p. 99), sob o ponto de vista do segmento repetido temos:

- **repetições fonológicas** (aliteração, alongamento, entonação etc.);
- **repetições de morfemas** (prefixos, sufixos etc.);
- **repetições de itens lexicais** (geralmente N e V);
- **repetições de construções suboracionais** (SN, SV, SPrep, SAdj, SAdv);
- **repetições de orações.**

Diante das formas de manifestação das repetições apresentadas, gostaríamos de ressaltar que nesse trabalho focaremos apenas as repetições lexicais, sintagmáticas e oracionais, isto é, aquelas que apresentam elementos discursivos acima do nível morfemático.

Os segmentos repetidos, ao serem produzidos, podem distribuir-se em auto-repetições e heterorrepetições. Nas auto-repetições, o próprio falante produz a repetição em sua fala, em contrapartida, nas heterorrepetições, o interlocutor repete algum segmento dito pelo locutor (MARCUSCHI, 2006, p. 223).

Auto-repetição

L2 não sei *desconto de cinco por cento* eu acho que no fim não vale a pena *desconto de cinco por cento* a não ser em compra pequena (p. 115).

Heterorrepetições

L1 é *ele não quer ir pro interior* (o problema é esse)

L2 *ele não quer ir pro interior* ele não quer ir trabalhar (p. 128).

Em relação à distribuição na cadeia textual, as repetições podem ser *adjacentes*, ou seja, próximas da matriz (M), caracterizada como um modelo para a projeção de outro segmento construído à sua semelhança ou identidade, ou estarem mais distantes da M, sendo repetidos vários tópicos adiante, como podemos observar nos exemplos abaixo:



Repetição adjacente

L2 (M₁) olha eu acho que o problema o *problema vem vem de primário...né?*

(R₁) *o problema é é do primário ...*

(M₂) o pessoal não ... não se importa *eles não motivam o aluno*

(R₂) *eles não motivam mais o aluno ...* () (p. 87)

Repetição distante da matriz

L2 eu gasto muito dinheiro em roupa eu gasto...eu sou tarada eu não POSSO então tem dias assim que eu estou nervosa *digo estou nervosa* (ele) *ele diz já sei vai sair pra fazer compras* aí então eu gasto gasto mil dois aí eu não não eu não vejo:: limite na minha frente ... eu começo a gastar (p. 108) (abertura: 2'15")

[...]

L2 ((risos)) eu não eu não sei esse problema de que eu já disse né? o Arnaldo já sabe do dia que eu ... que *eu digo pra ele estou nervosa* ele já sabe então está *vai te vai pra rua gastar ...* não adianta (p. 109) (fechamento: 4'01")

De acordo com Marcuschi, (2006, p. 225-226) as repetições adjacentes são mais frequentes, enquanto as repetições distantes, ou seja, as que aparecem no intervalo de um ou mais tópicos, conforme o exemplo acima, são mais raras e mais difíceis de serem repetidas integralmente, ocorrendo variações. Há uma preferência, por parte dos interlocutores, por repetições no mesmo turno e, se possível, dentro da mesma estrutura frasal.

Após essas explanações, veremos a seguir como as repetições atuam nos variados aspectos da formulação textual-discursiva.

3.1 Aspectos Funcionais da Repetição

Parafraseando Marcuschi (1996, p. 107), referente às funções, as repetições atuam tanto no plano da **composição do texto** em sua materialidade e seqüenciação das cadeias lingüísticas (relações contextuais), quanto no plano **discursivo** de caráter mais global relacionados aos aspectos interacionais, cognitivos e pragmáticos (relações sócio-contextuais).

No plano da textualização, a repetição atua com as funções básicas de **coesividade**. No plano discursivo, a repetição tem um número mais significativo de funções e colabora para a **compreensão, continuidade tópica, argumentatividade e interatividade**.

3.1.1 Coesividade

A coesão é um dos princípios básicos na composição textual-discursiva concernente ao encadeamento intra e interfrástico no plano da contextualidade. Ela pode ser vista em duas perspectivas: coesão seqüencial e referencial (KOCH, 1989, apud Marcuschi, 2006, p. 233). As repetições estão entre as estratégias mais utilizadas, sobretudo para a coesão seqüencial, mas são encontradas também na coesão referencial.

Vejamos agora alguns recursos de coesão seqüencial, por meio de repetições:

Listagem

A listagem diz respeito à formação de listas identificadas como *paralelismos sintáticos*, geralmente com variações lexicais e morfológicas, e manutenção de uma estrutura nuclear, conforme podemos observar nos exemplos abaixo:

(1)

L1 [...] organizaram programas...quer dizer há programas ... só uma seriação diferente

a mesma mentalidade

os mesmos métodos...

os mesmos conteúdos

não modificou nada (p.88).



(2)

L1 ah mas o problema é esse o meu marido trabalha *de manhã*

{Ø} *de tarde*

e *{Ø}* *de noite* eu estudo de tarde trabalho de

noite e de manhã algumas manhãs quer dizer...o pouco tempo que eu tenho pra ficar com a minha filha que estudar eu estudo depois que e/ ela ta dormindo...então quando tem um tempinho a gente *quer se encontrar*

{Ø} *quer ficar junto*

{Ø} *quer brincar com ela* então vai ficar em casa a melhor coisa no fim da semana é ficar em casa (p. 106).

Vale ressaltar que as listas são muito utilizadas pelo fato de constituírem uma estratégia comum à conexão interfrástica e criarem um ritmo especial na interação face a face, possibilitando, assim, um maior envolvimento entre os interlocutores.

Comumente, as listas repetem apenas parte da frase, conforme podemos observar no segundo exemplo. Entretanto, como pontua Marcuschi (2006, p.235), “é controversa a idéia de que os enunciados subseqüentes (em listas) sejam elípticos, quando se eliminam sucessivamente elementos,” uma vez que para se entender o enunciado contido em uma lista, é necessário pressupor pelo menos o padrão sintático anterior. Além disso, no trecho apresentado, a elisão dá-se à esquerda, propiciando a supressão de algo já conhecido e o acréscimo, à direita, de uma nova informação. Assim sendo, a listagem não é um procedimento de tematização, mas de rematização constante, compondo-se como uma forma econômica de comentar e sustentar o tópico.

Amálgamas sintáticos

Os amálgamas sintáticos correspondem ao aproveitamento de elementos mencionados em discursos anteriores, visando estabelecer uma composição textual. No exemplo que apresentaremos, o aproveitamento de materiais lingüísticos prévios é realizado pelas duas interlocutoras, resultando uma atividade discursiva extremamente colaborativa:

(3)

L2 é nós íamos até *oito horas* pro colégio

L1 é *oito horas* seguidas

L2 saíamos às seis seis e meio

L1 eram *oito horas por dia*...

L2 é ... *oito horas por dia* de aula nós tínhamos (p. 94-95)

O fragmento retratado corresponde a uma atividade de heterorrepetições, em que um locutor aproveita-se de parte do material lingüístico produzido pelo interlocutor, visando construir colaborativamente o texto sustentado por uma espécie de amalgamento de idéias e linguagem.

Enquadramento sintático-discursivo

Tem-se o enquadramento sintático-discursivo quando um mesmo segmento aparece no início e no final de turno, ou no início e no final de uma unidade discursiva, sinalizando uma completude da contribuição informativa, bem como uma entrega de turno. Vejamos:

(4)

L1 [...] e *toda vez que eu tinha que ir no banheiro* eu pedia tia tia Zaida desamarra pra mim e isso seguia uma gozação do pessoal ... troço mais marcante da minha vida de co/ de de escolar foi isso... era aquela goza a gozação que eu recebia dos meus colegas *toda vez que eu tinha que ir no banheiro*... (p. 93).

Diante dos exemplos retratados, as repetições são elementos de grande valia no processo de textualização da fala, pois propicia a seqüenciação e o encadeamento dos enunciados, servindo como recurso de coesão. Essas estratégias coesivas apresentadas são peculiaridades da fala, uma vez que são pouco presentes na escrita.

3.1.2 Compreensão

A compreensão é uma das mais importantes funções da repetição. De acordo com a observação de Koch e Silva (1996, p. 386, apud Marcuschi, 2006, p. 239), é provável que o excesso de repetições facilitadoras de compreensão conduza



a uma menor densidade informacional, contudo isso não representa uma formulação disfluente, pois as reiteraões têm como função facilitar a compreensão do interlocutor e demonstrar a intenção do locutor.

(5)

L2 [...] mas não teve nada assim de marCANnte eu estudava *eu gostava de estudar gostava muito mesmo de estudar estudava* porque *gostava...* (p. 96).

Com a ausência das repetições reproduzidas no exemplo, perder-se-ia a força ilocutória e a ênfase pretendida pela locutora.

O plano da compreensão incorpora subfunções como **a intensificação, a transformação de rema em tema e os esclarecimentos**, que serão elucidados a seguir:

Intensificação

A intensificação de segmentos repetidos fornece pistas para a compreensão de algo que se quer dizer sem que o conteúdo pretendido seja enunciado explicitamente. O exemplo a seguir obedece a uma espécie de princípio de iconicidade, em que uma cadeia de linguagem idêntica, posta em posição idêntica, é concernente a um maior volume informacional:

(6)

L2 [...] atualmente se tu não ficas em cima do aluno ele não faz absolutamente *nada...nada...nada* mesmo (p. 84)

Transformação de rema em tema

Trata-se da transformação de um rema, enunciado anteriormente, em tema, por meio da ênfase dada ao item repetido. No trecho selecionado as informantes inicialmente conversam sobre o tema relacionado ao aumento dos preços dos produtos. L2 cita a *utilização do trem* como um exemplo para a estabilização dos preços. A *utilização do trem*, até então considerado rema, transforma-se-á em tema, como podemos constatar a seguir:

(7)

L1 houve a distribuição:: organizada e aqui no Brasil não foi só optaram só pelo aumento de preço porque continua a a distribuição e a venda do produto ... o que fez encarecer os comestíveis né ? por causa do transporte e tudo mais ... fez encarecer mais do que ... deveria

L2 olha eu acho sinceramente se se o

[

L1 mas não s/ decerto há razões

L2 se ::

[

L1 eu não entendo nada de economia

L2 se o se eles fizessem não quisessem que levantassem tanto os preços eles não precisavam que existe muito muitos outros meios de transporte ... que não são que não não não são explorados ... por exemplo *o trem* está aí ... bom mas eles qui no Brasil *não utilizam o trem*

L1 é mas no Brasil nunca houve uma política de aproveitamento né?

L2 mas CLArO ... não houve

[

L1 sempre sempre deram ênfase às estradas

L2 laro sempre é é errado isso ... talvez se eles *usassem o trem* no ... naquilo que eles usam ... fizessem no *trem* em vez do caminhão o talvez ... o a a:: vida estivesse bem mais barata

L1 bem mais barata pois é mas

[

L2 ou então usassem o :: até até navios ... eu acho que navios já é uma uma estrutura bastante mais compli/ comple

[

L1 é mais () um pouco mais complicada o *trem* é baratíssimo

L2 mas o *trem* é baratíssimo por que não *usam o trem* então? (p. 123-24)

Esclarecimento

As repetições que têm como função o *esclarecimento* expressam informações com expansões sucessivas, por meio de reiteraões com variaões ou paráfrases. O recorte abaixo mostra-nos um encadeamento em série de repetições responsáveis por esclarecer uma opinião pessoal:

(8)

L2 por exemplo *médico não tem lado humano...desculpe mas médico não tem...tanto é esse caso que aconteceu na Bahia agora em Salvador foi ... foi:: Típico né? pra mim médico não é gente ... pra mim médico é um ser que tu vai lá e Paga ... pra ele te ouvir pra ele te dar consulta ... e se tu não fores com diNHEIro cheirando a dinheiro ele ... tu não consegues nada com ele ... infelizmente essa é que é a verdade ... eu acho que o bom profissional mesmo é bom aqui é bom em:: qualQUER outra cidade o bom profissional ... agora ... eles não querem o pessoal que sai de uma faculdade ele não quer se sujeitar a uma vida de interior ... que*



aquela vida de interior às sete horas está todo mundo fechado dentro de casa né? eles não querem se sujeitar a isso (p. 129)

3.1.3 Organização Tópica

Entre as funções textual-interativas da repetição, existem repetições específicas destinadas à **introdução, delimitação e manutenção tópica**.

Introdução tópica

A repetição de uma expressão ou item lexical é uma forma explícita de marcar a introdução do tópico discursivo, que será desenvolvido a seguir. No exemplo 9, L2, após reafirmar a assertiva de L1, questiona o porquê da não utilização do *trem*, dando início à introdução do tópico que será posto em pauta:

(9)

L1 é mais () um pouco mais complicado *o trem é baratíssimo*

L2 mas *o trem é baratíssimo* por que não usam *o trem* então? (p. 124)

Delimitação tópica

A delimitação tópica refere-se ao encerramento de um tópico com a repetição de construções que o introduziram, funcionando como delimitadora de um segmento tópico, circunscrevendo-o e pontuando-o na linha do discurso, conforme podemos observar no exemplo abaixo:

(10)

L2 atualmente o aluno eu considero o aluno um ser ... que simplesmente *quer um diploma ... eles querem um diploma ... não importa de que maneira ... se é ... chorando na frente dum professor pra conseguir um pontinho ... ou se é colando ... não importa* (p. 84) (abertura: 03'01")

[...]

L2 essa outra é isso que eu te disse *eles querem se diplomar ... não importa de que maneira ... sabendo ou não sabendo o importante pra eles é o diploma* no fim do curso ... isso que é o importante (p.85) (fechamento: 04'05")

Condução e manutenção tópica

A presença constante de item lexical pode ser o indício de um condutor tópico. A repetição reiterada desse mesmo item lexical, quando vem situada em posição de tópico sentencial (sujeito da oração), é uma estratégia de condução e manutenção do tópico no discurso. No fragmento selecionado, as duas interlocutoras discutem o comportamento do aluno na escola:

(11)

L1 e isso eu acho que o *professor* não não se deu conta ... e :: apesar de todas as reformas que estão tentando fazer dentro do *ensino* ... não estão procurando modificar ... O *professor* a mentalidade do *professor* pra que ele encontre o *aluno* o *aluno* ... não quer dizer que tenha piorado eu acho ... eu acho que mudou ... virou é outro *aluno* ... e isso é um ... o que eu estou considerando

[

L2 atualmente o *aluno* eu considero o *aluno* um ser ... que simplesmente quer um *diploma* ... *eles* querem um *diploma* não importa de que maneira ... se é ... chorando na frente dum *professor* pra conseguir um pontinho ... ou se é colando ... não importa

L1 é isso eu vejo observo e é o que me aparece todos os dias no meu trabalho

[

L2 entende?

L1 na minha experiência de *aluna* e de *professora* ... mas acho que ninguém ainda viu o alu/ ninguém está se preocupando em olhar e ver esse *aluno* ... porque eu acho que se *ele* está se comportando assim se a *escola* é uma coisa hoRRORosa pra *ele* que *ele* não agüenta que não interessa ... alguma coisa tem que interessar ... porque os ... os *jovens* não podem ser totalmente desligados de qualquer coisa...quer dizer que tipo de vida então *eles* vão levar se *eles* não não têm uma preocupação com o *colégio* com a *escola* com a *educação*? *eles* devem ter ... só que essa essa *educação* que está sendo oferecida pra *eles* não os interessa (p. 84 e 85)

No trecho acima, o item lexical *aluno(a)* apareceu 7 vezes e a sua pronominalização (*ele/eles*) 9 vezes em diversas construções, carregando consigo outros itens correlacionados a esse léxico:





O item lexical *aluno* surge nessa interação em ambientes sintáticos diversos, nas produções de ambos os falantes e nas auto e heterorrepetições. Não nos resta dúvidas de que as duas interlocutoras estão dialogando a respeito do aluno, portanto esse léxico pode e deve ser tomado como um condutor tópico.

3.1.4 Argumentatividade

As repetições, em especial de orações, têm grande importância na condução da argumentação, servindo como estratégia para **reafirmar**, **contrastar** ou **contestar argumentos**.

Reafirmação de argumentos

O trecho selecionado é constituído de repetições responsáveis por reafirmar um argumento. A informante L2 afirma que o mau cheiro, mencionado pela informante L1, é uma *desgraça*. Essa assertiva é reafirmada por meio da repetição da interlocutora L1 (*é uma desgraça*) e novamente por meio da repetição de L2 (*é uma desgraça*), sem que novos argumentos sejam apresentados:

(12)

L1 não agasalha e depois tem um mau cheiro incrível ... a gente transpira um pouquinho (já se sente mau) ()

L2 é aí que *desgraça*

L1 é *uma desgraça*

L2 é *uma desgraça* (p. 119)

Contraste de argumentos

As repetições responsáveis por contrastar argumentos podem ocorrer por meio da modulação entoacional, sem a presença do advérbio de negação. Como bem menciona Norrick, (1987, p. 252 apud Marcuschi, 2006, p. 247), “é só transformar uma asserção em indagação que já se está contrastando numa espécie de efeito surpresa”.

(13)

L2 nós também é em conjunto mas o nosso dinheiro nós sempre chegamos

[

L1 ah o bom é em conjunto

L2 a:: a zero no fim do mês quando a gente (o) e isso (que olha) que nós ganhamos relativamente bem ... a gente tira assim ... *nove mil e quinhentos por mês pra gastar nós gastamos e ::*

L1 *vocês gastam os nove mil e quinhentos?*

L2 *gasta::mos nós gastamos tudo*

L1 três pessoas?

L2 três pessoas

L1 um nenê e dois adultos ? mas que horror (p. 104)

A mudança de entonação por parte de L1, capaz de alterar a assertiva de L2 em indagação, promove a transformação do ato ilocutório e introduz um efeito surpresa carregado de desacordo.



Contestação de argumentos

A repetição de construções oracionais com a função de contestação não estima o cuidado com a preservação da face positiva do interlocutor, demonstrando menos traços de polidez, como podemos observar a seguir:

(14)

L1 a Renner por exemplo é na NOta o desconto de cinco por cento...

L2 não sei *desconto de cinco por cento* eu acho que no fim *não vale a pena desconto de cinco por cento a não ser em compra pequena*

L1 *vale a pena em qualquer compra vale a pena (des/) cinco por cento ()* (p. 115)

Nesse caso temos a presença de um grande material lingüístico repetido e uma discordância brusca.

3.1.5 Interatividade

Embora as repetições, de maneira geral, constituam um recurso interativo, neste item serão focadas as repetições responsáveis por promover interações que expressam **opinião pessoal, monitoramento da tomada de turno, ratificação do papel do ouvinte e incorporação de sugestões.**

Expressão de opinião pessoal

As repetições que propiciam expressões de opinião pessoal divergentes manifestam-se como heterorrepetições. Neste trecho selecionado, L1 expressa a sua opinião sobre o professor, mencionando que ele *não mudou*. Entretanto, quando L2 toma a palavra, inicia o seu turno com a expressão *eu acho*, utilizando-se das mesmas palavras proferidas por L1, a fim de denunciar a sua opinião pessoal:

(15)

L1 e *nem* o professor mudou não ... mudou ...deveria ter mudado mas não mudou

L2 eu acho que o:: professor mudou mudou pra pior ... né? ... que :: de certa maneira a gente ((ruído)) ... TEnta ... seguir o aluno e como o nível baixou MUIto ... baixou MESmo ... então o professor também ta baixando ... atualmente

Monitoramento de tomada de turno

O monitoramento de tomada de turno ocorre por meio da auto-repetição, capaz de promover o assalto ao turno. Vejamos:

(16)

L1 houve a distribuição:: organizada e aqui no Brasil não foi só optaram só pelo aumento de preço porque continua a a distribuição e a venda do produto ... o que fez encarecer os comestíveis né ? por causa do transporte e tudo mais ... fez encarecer mais do que ... deveria

L2 olha eu acho sinceramente *se se o*

[

L1 mas não s/ decerto há razões para isso

L2 *se ::*

[

L1 eu não entendo nada de economia

L2 *se o se* eles fizessem não quisessem que levantassem tanto os preços eles não precisavam que existe muito muitos outros meios de transporte ... que não são que não não não são explorados ... por exemplo o trem está aí ... bom mas eles qui no Brasil não utilizam o trem (p. 123)

Como podemos observar, L2 procura tomar o turno por meio da repetição da partícula *se*. Em um primeiro momento, o turno da locutora L2 é assaltado por L1, que procura completar a sua fala, L2 novamente é interrompido (*se::*) e só depois de L1 mencionar *eu não entendo nada de economia*, L2 consegue tomar o turno e dar o seu parecer.



Ratificação do papel do ouvinte

As repetições promotoras da ratificação do papel do ouvinte têm o mesmo objetivo dos marcadores do tipo *sim*, *claro*, *ahn*, *sei* entre outros, possibilitando um envolvimento maior na interação.

(17)

- L1 *é espirais* Boa-Noite que a gente queima ... eu sei que é um composto de ervas mas ali está ali é aquilo ali é uma profissão insalubre ... porque o ... casualmente e/ aqui perto eu falei com alguém que larga um cheiro muito ruim parece uma Borregard e que os fun/ os funcionários normalmente ficam doentes e que são aposentados mais cedo ... é como assim mineiro *mineiro também*
- L2 *é mineiro também*
- L1 *é profissão insalubre*
- L2 *é profissão insalubre* (p. 134)

No fragmento apresentado, temos a utilização de repetições, por parte de L2, com funções específica de envolvimento interacional e confirmação de algo mencionado pela outra falante.

Incorporação de sugestões

Trata-se de uma repetição interativa que funciona como estratégia de incorporação de sugestões por parte de um falante, especialmente quando o outro com quem ele dialoga encontra-se em dificuldade. Exemplos prototípicos são os que veremos abaixo:

(18)

- L2 gabardine eu comprei eu comprei a minha lá:: ... uma beleza ... ahn casaco de pele aqueles de
- L1 camurça (antílope)
- L2 forrados de :: forrados ahn
- L1 *pêlo de carneiro*
- L2 *pêlo* todo *pêlo de carneiro* eu comprei lá paguei ... quatrocentos cruzeiros ... baratíssimo eu achei comprei um de :: comprei um de:: como é o nome daquele bicho? ... um que uma pelezinha toda toda ela é crespinha
- L1 carapinha eles chamam (p. 119)

(19)

L1 por exemplo bem aqui pertinho tem ali a fábrica de Boa-Noite daqueles daqueles ()

L2 *espirais* ()

L1 é *espirais* Boa-Noite que a gente queima ... eu sei que é um composto de ervas mas ali está ali é aquilo ali é uma profissão insalubre ... porque o ... casualmente e/ aqui perto eu falei com alguém que larga um cheiro muito ruim parece uma Borregard e que os fun/ os funcionários normalmente ficam doentes e que são aposentados mais cedo ... é como assim mineiro mineiro também (p.134)

Conclusão

As análises apresentadas foram de extrema importância para revelarmos que a repetição é uma das estratégias mais recorrentes na progressão do texto falado.

Diante do estudo realizado, pode-se constatar que as reiteraões lexicais, sintagmáticas e oracionais são estratégias cruciais para o processamento informacional e a preservação da funcionalidade comunicativa. A repetição, resultante de uma relação *hic et nunc* na formulação da fala, contribui expressivamente para coerência e coesão textual.

Assim sendo, esse fenômeno, resultante da interação face a face, faz parte de uma competência necessária à produção e à construção de sentido no âmbito dinâmico do discurso oral.

Referências Bibliográficas

- BARROS, Diana Luz Pessoa. Efeitos de Oralidade no texto escrito. PRETI, Dino (Org.). *Oralidade em diferentes discursos*. São Paulo: Humanitas, 2006. p. 57 – 84.
- HILGERT, José Gaston. A construção do texto “falado” por escrito: a conversação na *Internet*. In: PRETI, Dino (Org.). *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas, 2000. p. 17 - 55.



_____. O falante como observador de suas próprias palavras: retomando aspectos metadiscursivos na construção do texto falado. In: PRETI, Dino (Org.). *Oralidade em diferentes discursos*. São Paulo: Humanitas, 2006. p. 161 – 185.

_____. Língua falada e enunciação. *Calidoscópio* (UNISINOS), v. 5, p. 69-76 mai/ago 2007.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Análise da Conversação: princípios e métodos*. São Paulo: Parábola, 2006.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Especificidade do texto falado. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (Org.). *Gramática do português falado no Brasil: construção do texto falado*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006, v.1. p. 39 – 46.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual. In: KOCH, Ingedore G. Villaça (Org.). *Gramática do português falado (Volume VI: Desenvolvimentos)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996. p. 95 – 129.

_____. Repetição. In: JUBRAN, Clélia Cândida A. Spinardi; KOCH, Ingedore G. Villaça (Org.). *Gramática do português falado no Brasil: construção do texto falado*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006, v.1. p. 219 – 254.

PROJETO NORMA LINGUÍSTICA URBANA CULTA. Disponível em: <<<http://www.letras.ufrj.br/nurc-rj/>>>. Acesso em: 29 set. 2008

Notas:

¹ Rosalia Perrucci Fiorin, mestranda.

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)
rosaliafiorin@hotmail.com

² Esse inquérito faz parte do livro *A linguagem falada culta na cidade de Porto Alegre: diálogos entre dois informantes* (organizado por José Gaston Hilgert), a ser publicado pela editora da UFRGS.